

VOZES SOANTES NO RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E FLORIANÓPOLIS: MULHERES NEGRAS NO PÓS 1945

*Joselina da Silva*¹

Universidade Federal do Ceará (UFC)- Campus Cariri

Resumo

Grandes eventos marcaram a segunda metade dos anos 1940 e foram influenciadores diretos da constituição do movimento social dos negros brasileiros, provocando o surgimento de novos grupos. É neste cenário que o nome de várias mulheres toma lugar de destaque. Nosso intento, neste texto, é procurar analisar, parte do pensamento de três expressivas lideranças negras e suas demandas que se realizavam na intercessão entre o gênero e a raça, numa perspectiva de superação das desigualdades que se desenhavam naquela conjuntura: Maria de Lurdes Nascimento do Congresso Nacional de Mulheres Negras (RJ, 1950); Nair Theodora Araújo da Associação Cultural do Negro (SP, 1948) e Antonieta de Barros, deputada estadual negra (Florianópolis, 1951).

Palavras-chave

Mulheres negras; Movimento Social Negro; Anti-Racismo; Relações Raciais.

Sounding voices in Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: Afro-Brazilian women after 1945

Abstract

The second half of the forties was characterized by massive social events which directly influenced the creation of afro-Brazilian social movement, as well as the foundation of new groups. This new environment was occupied by the presence of relevant afro-Brazilian women. This paper intends to analyze thoughts of three expressive afro-Brazilian women leaders and their demands related to the intersection between gender and race as an attempt to overcome the inequalities which characterized that conjuncture: Maria L. Nascimento from *the Congresso Nacional de Mulheres Negras* (RJ, 1950); Nair Theodora Araújo from the *Associação Cultural do Negro* (SP, 1948) and Antonieta de Barros, state representative (Florianópolis, 1951).

Keywords

Black Women; Black Social Movement; Anti-Racism; Racial Relations.

¹ Doutora em Ciências Sociais. Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará (UFC), Campus Cariri. Coordena o Curso de Extensão Iniciativas Negras: Trocando Experiências. Foi a segunda vice-secretária da ABPN (2006-2008). Coordena o Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC), certificado pelo CNPQ. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo Fundo Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap). E-mail: joselinajo@yahoo.com.br

Voces soantes en Rio de Janeiro, São Paulo y Florianópolis: mujeres negras en post 1945

Resumen

Los grandes acontecimientos marcaron la segunda mitad de los años cuarenta y se influyeron directamente en la formación del movimiento social de los brasileños negros, provocando la aparición de nuevos grupos. Es en este contexto que el nombre de varias mujeres ocupan un lugar preponderante. Nuestro propósito en este texto es presentar recurso, al pensamiento de los tres líderes negros más expresivos y sus demandas de lo que eran en la intersección entre el género y la raza, con el fin de superar las desigualdades que señalaran ese momento: Maria de Lurdes de nacimiento del Congreso Negro Nacional de la Mujer (Río de Janeiro, 1950); Nair Theodora Araújo Asociación Cultural de Negro (SP, 1948) y Antonieta de Barros, representante del estado de negro (Florianópolis, 1951).

Palabras claves

Mujer Negra; Movimiento Social Negro; Anti-Racismo; Relaciones Raciales.

Retentissement de voix á Rio de Janeiro ,São Paulo et á Florianópolis:Des femmes noires après 1945

Resumé

Plusieurs grands evenements ont marqués la seconde moitié des années quarente et ont été influencés directement par la constitution du mouvement social des personnes noires brésiliennes ,ce qui a provoqué le surgiment de nouveaux groupes .C'est dans ce décors que le nom de plusieurs femmes ont pris une place d'importance .Notre intention ,dans ce texte, et d'analyser ,part la pensées de trois expressives leaders noires et de ses demandes qui se réalisent dans l'intercession entre genre et race ,dans une perspective de superation des inégalités qui a été dessiner en cette conjuncture :Maria de Lurdes Nascimento du Congrès National des Femmes Noires (RJ,1950);Nair Theodora Araújo de l'Association Cultural des personnes noires (SP,1948)et Antonieta de Barros ,deputé estaduel noire (Florianópolis, 1951)

Mots clés

Femmes Noires; Mouvement Social Des Personnes Noires; Antiracisme; Relation Raciaux.



As organizações locais de Mulheres Negras têm vários tamanhos que vão desde pequenos grupos informais a profissionais organizações não governamentais que recebem apoios internacionais.²

Esta epigrafe dá a dimensão da heterogeneidade dos grupos de mulheres negras, em solo brasileiro. O movimento está presente em redes dentro e fora do Brasil. Ao mesmo tempo, lideranças oriundas deste movimento têm conquistado espaços políticos em momentos importantes da representação nacional e internacional na demanda por direitos para mulheres e homens negros no Brasil. Paralelamente, diversos têm sido os estudos sobre o movimento feminista no Brasil voltados aos seus primórdios organizativos. Em números mais modestos – porém crescentes – têm sido os trabalhos voltados a estudar o movimento negro. Contraditoriamente, percebemos a ocorrência de um grande vácuo na bibliografia especializada quando buscamos dialogar com trabalhos acadêmicos a respeito das mulheres negras e os referentes ao pensamento emanado de sua *práxis* ativista em diferentes épocas.³

Assim, a história social do movimento de mulheres negras brasileiro, desde as lideranças religiosas (no candomblé ou nas irmandades) passando pelas periodistas (dos anos 1930 aos 1970) chegando aos embates com os movimentos negro e feminista, abordando a constituição das ONGs desembocando em Durban (2001), ainda está por ser concretizada. É deste lugar de quase invisibilidade que reiteramos a importância de estímulos às publicações e pesquisas sobre a história social do movimento de mulheres negras brasileiras. Assim surge este artigo. Longe está de nosso objetivo preencher esta lacuna com o presente texto. Outrossim, desejamos contribuir para a atração de maiores interesses nesta direção.

Nosso exercício será, então, de nomear mulheres que se destacaram em diferentes momentos daquele longo período pós-ditadura varguista. Analisaremos três lideranças afrodescendentes numa perspectiva de associar suas trajetórias à superação das desigualdades que se desenhavam naquela configuração. São elas: Maria de Lurdes Nascimento, Nair Theodoro de Araújo e Antonieta de Barros.

A articulação nacional do movimento social negro

Inúmeras foram as manifestações da sociedade civil com o fim da ditadura do Estado Novo, promovendo uma grande ebulição das forças políticas (Gohn, 1997; Fausto, 2001).⁴ O Teatro Experimental do Negro (TEN)

2 Tradução da autora. Retirado de Caldwell (2007).

3 Não por acaso, o trabalho de Pinto (2003), numa excelente e bem fundamentada *Cronologia do Movimento Feminista no Brasil* que se inicia em 1832 e vai até 1997, refere-se às mulheres negras apenas uma vez no ano de 1990. Note-se que a obra marca aquele ano como tendo sido realizado o I Encontro Nacional de Mulheres Negras em Valença no Rio de Janeiro. Vale aqui uma retificação, pois foi em dezembro de 1988.

4 Gohn (1997) enumera alguns dos seguintes movimentos neste período: Movimento Político Partidário (1945); Movimento Quermismo (1945); Campanha Popular Contra a Fome (1946); Movimento da Legalização dos Partidos Clandestinos (1946); Movimento Pró-Constituinte (1946); Movimento por Reformas de Base na Educação (1947-1961); Passeatas da Panela Vazia (1951-1953); Movimento o Petróleo é Nosso (1954); Movimento Contra a Carestia de Vida (1953); Movimentos Nacionalistas pela Cultura (1954-1964); Movimentos Jovens Católicos (JUC, JOC, JAC... 1954-1964); Movimento de Associação de Moradores (1945-1964); Greve Geral dos Trabalhadores (1953); Quebra-Quebra de Bondes (1956); Movimento de Educação de Base (MEB, 1961); Movimentos Estudantis (1957-1964); Greve Geral Contra Carestia (1959); Movimento Pela Casa Própria (1960-1961); Movimentos Sociais no Campo pela Reforma Agrária (1958-1964); Dia Nacional de Protesto Contra A Carestia (1963), entre vários outros.

foi fundado no Rio de Janeiro por Abdias do Nascimento, Sebastião Rodrigues Alves e Aguinaldo Camargo, em janeiro de 1945 (Andrews, 1991; Nascimento, 2003; Nascimento, 1982; Skidmore, 1982).

Naquele ambiente de retorno ao Estado livre, aconteceram três grandes conferências nacionais organizadas no eixo Rio–São Paulo. A primeira foi a Convenção Nacional do Negro, dividida em duas partes. A primeira em São Paulo em 1945, de 10 a 12 de novembro, e no ano seguinte, no Rio de Janeiro, com participantes dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. O conclave objetivava que a discriminação racial e o preconceito passassem a ser crimes previstos em lei e que se criasse um sistema nacional de bolsas de estudos para estudantes negros nas universidades e no ensino secundário (Andrews, 1991).

O pleito constante do manifesto da Convenção Nacional do Negro envolvia pensão do estado – que hoje poderia ser traduzida como bolsa de estudos – não apenas nas escolas públicas, como também tornava clara a necessidade de inclusão de estabelecimentos privados. O manifesto sublinhava a necessidade da ajuda financeira também aos alunos dos ensinos secundário e superior. Pela primeira vez no país, reivindicava-se que o preconceito de cor e a discriminação racial fossem considerados crime e como tal passíveis de punição legal (Cadernos Brasileiros, 1968).

O segundo acontecimento de escopo nacional, marcante para a atividade política e cultural da organização do movimento negro brasileiro, foi a Conferência Nacional do Negro Brasileiro, entre 9 e 14 de maio de 1949, no Rio de Janeiro. Um dos seus objetivos era discutir e organizar a programação e os temas a serem abordados no I Congresso do Negro Brasileiro que ocorreu no ano seguinte. Este objetivo, no entanto, foi ultrapassado e permitiu uma vez mais o conagraçamento político das diversas forças nacionais atuantes no interior do movimento social.

O terceiro grande momento de debates e discussão foi o I Congresso do Negro Brasileiro realizado de 29 agosto a 4 de setembro de 1950, no Rio de Janeiro (Nascimento, 1982). Havia, então, uma viva participação dos movimentos negros no momento de redemocratização do país, que pode ser corroborada quando nos detemos a recortar aqueles diversos encontros de escopo nacional. Nesta conjuntura surgiram várias organizações negras em diferentes pontos do território nacional. É neste cenário de articulações nacionais que os nomes de várias mulheres tomam lugar de destaque, num ambiente de luta anti-racista, como veremos adiante.

Maria de Lurdes Nascimento

O I Congresso do Negro Brasileiro transformou-se num dos grandes momentos em que as mulheres negras apresentaram vários trabalhos (Nascimento, 1982). A voz de Maria de Lurdes Nascimento durante o congresso se fez ouvir em defesa da realização de estudos que permitissem atentar para os problemas de ordem psicossociais da prostituição e pelos direitos das empregadas domésticas.

Maria Nascimento foi responsável por diferentes atividades no interior do Teatro Experimental do Negro. Coordenou o departamento feminino e criou o Conselho Nacional de Mulheres Negras em maio de 1950, como um dos braços do TEN. O Conselho contava com um departamento jurídico para atendimento à



população negra em várias necessidades, entre elas a obtenção da certidão de nascimento. Criou também um balé infantil, cuja aula inaugural foi ministrada pela famosa bailarina afro-americana Katherine Duncan.

Ao lado da reorganização da sociedade democrática no pós-ditadura varguista reestruturaram-se também os jornais negros, dando início ao terceiro momento da imprensa negra entre 1945 e 1963 (Fernandes, 1965; Andrews, 1991; Mendes, 1993; Santos, 1985). No Rio de Janeiro, neste mesmo período, três principais jornais são publicados pela comunidade afro-brasileira: o *Quilombo*, o *Redenção* e o *Voz da Negritude*. Os jornais retratavam – entre outros temas – as candidaturas de diversas lideranças negras para as eleições de 1950 (Ferrara, 1986). O *Quilombo*, publicado pelo Teatro Experimental do Negro, contava com a gerência de Maria Nascimento, que era também redatora da coluna *Fala a Mulher*. Seu discurso, naquele periódico, estimulando a participação política das mulheres, demonstra o vanguardismo de seu pensamento:

Se nós mulheres negras do Brasil, estamos mesmo preparadas para usufruir os benefícios da civilização e da cultura, se quisermos de fato alcançar um padrão de vida compatível com a dignidade da nossa condição de seres humanos, precisamos sem mais tardança fazer política... Precisamos constituir um exército de eleitoras pesando na balança das urnas. Usar o máximo as franquias democráticas que nos asseguram o direito que é também o sagrado dever cívico de votar e sermos votadas para qualquer pleito eletivo nas próximas eleições de 3 de outubro

(*Jornal Quilombo*, ano II, n. 6, Rio de Janeiro. 1950).

Sua voz se fez audível em diferentes edições do referido jornal, procurando cobrir temas da atualidade, sempre se dirigindo às mulheres negras. Sua crítica social assumia um tom de reivindicação e denúncia. Havia *como* que uma aura de aconselhamento, *como* se fora uma missiva:

Queridas leitoras e amigas volto mais uma vez a falar das nossas crianças.... Essa infância precocemente adulta pela promiscuidade e pela necessidade de trabalhar... é em sua quase totalidade de cor.... O coeficiente de mortalidade infantil no Distrito Federal entre 1939-1941... segundo estatísticas do Departamento Nacional da Criança... morrem quase duas crianças de cor por uma branca. Na cidade de São Paulo a situação é ainda mais grave (*Jornal Quilombo*, ano I, n. 2, Rio de Janeiro, maio de 1949).

Sua coluna no *Jornal Quilombo* era uma conversa que se renovava a cada edição, sempre com vistas a conclamar as afro-brasileiras para a participação coletiva em prol da luta anti-racista: “Nada de desânimo quando uma maternidade nos negar ingresso. Devemos... usar todos os meios e remover todas as dificuldades, ainda mesmo que sejam motivadas por discriminação de cor” (*Idem, ibidem*).

Se o Teatro Experimental do Negro, como uma das organizações referenciais de seu tempo, voltava-se à denúncia o racismo, sobre a sociedade no geral (Winnant, 1994; Hanchard, 1988), a atuação de Maria Nascimento, por seu turno, demonstrava que a ação deste se ampliava quando os recortes de gênero e etário (infância, no caso) eram agregados à reflexão. Como assistente social, Maria Nascimento acompanhava de perto as mazelas sociais da cidade e transformava a coluna num púlpito de onde fazia públicas as inquietações com o que testemunhava no seu dia-a-dia:



É inacreditável que numa época em que tanto se fala em justiça social possa existir milhares de trabalhadoras como as empregadas domésticas, sem horário de entrar e sair do serviço, sem amparo na doença e na velhice, sem proteção no período de gestação e pós-parto sem maternidade e sem creche para abrigar seus filhos durante as horas de trabalho (*Jornal Quilombo*, ano I, n. 3, Rio de Janeiro, julho de 1949).

A demanda pela criação de leis que protegessem as empregadas domésticas foi um dos clamores presentes nos documentos finais do I Congresso do Negro Brasileiro (Rio de Janeiro, 1950). Entre as pessoas que mais arraigadamente as defendiam, tínhamos Maria Nascimento. As discussões ocorridas no conclave eram refletidas nas páginas do periódico, principalmente na coluna *Fala Mulher*: “Para as empregadas domésticas o regime é aquele mesmo regime servil... pior do que nos tempos da escravidão... A regulamentação do trabalho doméstico é de uma urgência que não admite mais protelações” (*Idem, ibidem*).

O *Jornal Quilombo* circulou entre dezembro de 1948 e julho de 1950, sempre com as colunas assinadas por Maria Nascimento voltadas para as mulheres negras.

Nair Theodora Araújo

Lembrávamos, no início deste texto, da grande mobilização das forças populares nos anos que se seguiu ao Estado Novo. Foi também neste período – com maior ênfase nos anos de 1945 a 1955 – que ocorreu de forma acentuada um grande crescimento do teatro como uma marca mais notadamente voltada para a cultura nacional. Décio de Almeida Prado situa o período a partir de 1940 como de renovação do teatro brasileiro e da ruptura com uma marcante influência europeia (lusitana e francesa) (Prado, 1941). Surgem as personagens populares brasileiras, como o trabalhador da fábrica, o brasileiro vítima das intempéries econômicas e o realismo de Nelson Rodrigues, só para citar alguns. Eram os brasileiros representando-se a si e às suas “mais genuínas” personagens (Campedelli, 1995).

A popularização da arte de representar – em número de peças e em multiplicidade de temas abordados – traduziu-se, de certa forma, numa ampliação do mercado de trabalho para atores negros. A sua presença neste contexto, no entanto, referia-se à inclusão, com maior visibilidade, apenas dos chamados tipos brasileiros provenientes das camadas populares ou ligados à religiosidade africana. Essa, por seu turno, muitas vezes exotizada através da representação da umbanda (Mendes, 1993). Os atores afro-brasileiros recebiam os papéis de menor prestígio social e menos relevância dentro do texto. Persistia, portanto, a imagem de subserviência dos negros brasileiros, perpetuada pela literatura.

As pessoas negras, inseridas na sociedade não eram incluídas como personagens daquela dramaturgia que retratava o cotidiano. A visão universalista em que era colocada a personagem negra levava a que os autores a caracterizassem em posições já tradicionalmente construídas na sociedade. No entanto, essa visão igualitária e universalizante não chegava a garantir aos atores negros papéis de destaque nas diferentes montagens, como afirmava Nelson Rodrigues:



Raras companhias gostam de ter negro em cena; e quando uma peça exige o elemento de cor, adota-se a seguinte solução: brocha-se um branco. “Branco pintado” – eis o negro no teatro nacional (....). A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por ultimo ficam de fora (*Jornal Quilombo*, ano I, n. 1, Rio de Janeiro, dezembro de 1948).

Essa ausência do protagonismo negro nos textos e, por conseguinte, nos palcos da antiga Capital Federal poderia ser enumerada como uma das razões motoras para que em uma década fossem constituídos pelo menos quatro grupos negros – com visibilidade e projeção nacionais e internacionais –, cujos nomes têm a palavra teatro na sua composição: O Teatro Experimental do Negro (TEN), o Teatro Folclórico Brasileiro (e/ou Grupo dos Novos) e por último o Teatro Popular Brasileiro (TPB), no Distrito Federal. Inaugurava-se, também em São Paulo, uma versão ligeiramente modificada do Teatro Experimental do Negro. Interessante observar que nem todos necessariamente empregavam a arte da representação textual como sua atividade principal. O nome teatro, no entanto, os colocava no centro de uma das vertentes de manifestação da democracia e das representações de nacionalidade comuns à época, como brevemente aludimos até aqui.

O nome da atriz Nair Araújo toma lugar de destaque na cidade de São Paulo, exatamente nessa ocasião, com sua participação inicial na Associação Cultural do Negro. O ano de 1948 viu surgir em São Paulo a Associação Cultural do Negro (ACN), fundada por antigos líderes da Frente Negra dos anos 1930. Suas principais atividades foram palestras, debates, aulas de inglês, matemática, português e oratória. Havia um grupo de jovens associado a dois outros grupos teatrais: O Teatro Experimental do Negro (em sua versão paulista) e o Teatro Brasileiro do Povo (Andrews, 1991).

Em pleno período inicial de luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e da articulação em diferentes países contra o *apartheid* sul-africano, a ACN organizou um ato de repúdio contra a discriminação racial nos dois países. A atividade resultou na indicação para a instalação de um Comitê de Solidariedade aos Povos Africanos (Cuti, 1992). A partir de 1960, a organização publicou – em cinco edições – a *Revista Niger*. Neste grupo, entre outras mulheres ressaltamos a atuação de Nair Theodora Araújo, membro do departamento cultural. A ativista também participou ativamente da fundação do Teatro Experimental do Negro (SP).

Nair foi aluna de um importante curso em São Paulo, intitulado curso de oratória Rui Barbosa, coordenado pela União Brasileira de Escritores. Tal formação permitiu-lhe atuar em várias peças no Teatro de Arena (fundado em 1956), sendo uma das principais, o grande sucesso *Arena Canta Zumbi*. Fez trabalhos também em televisão. Por sua contribuição financeira – e de mais dois outros ativistas – foi publicado o primeiro volume da série “*Cultura Negra*”, organizada pela Associação Cultural do Negro. Esta atriz, cantora e declamadora foi uma das responsáveis pelos festejos do centenário de nascimento de Cruz e Souza, organizado pelo mesmo grupo, em 1961.

Seu intenso ativismo, iniciado nos anos 1940, transformaram-na em figura referencial sobre as questões dos afro-brasileiros. Passou a ser presença obrigatória em debates de jornais, universidades e programas de televisão. Uma de suas grandes atuações foi a fundação da livraria Contexto em São Paulo, especializada em livros de cultura negra, história da África e relações raciais. Foi uma das primeiras casas em seu gênero no país. Durante anos, a Contexto foi ponto de encontro da intelectualidade afro-brasileira na capital paulista, até



os anos 1980. Para ali acorriam os ativistas do movimento social negro durante o intenso período da década de 1970 em São Paulo. Assim, o nome de Nair Theodora Araújo fez-se presente em diferentes e referenciais atividades principalmente no teatro da cidade de São Paulo, entre o final dos anos 1940 e a década de 1980. Sua trajetória sempre esteve associada à meta da valorização dos afro-brasileiros e à destituição do racismo. A livraria fundada por ela segue dirigida por sua filha na capital paulista.

Antonieta de Barros

O ano de 1948 também marcou a volta ao cenário político de Antonieta de Barros. Como membro da Assembléia Legislativa, eleita pelo Partido Social Democrático, Antonieta dedicava-se à melhoria do ensino, à criação de concursos para professores, como também propunha a instituição de bolsas de estudos para cursos superiores. Note-se que esse era um dos parágrafos do documento final da Convenção Nacional do Negro de São Paulo, em 1945, como já apontado.

Falamos do retorno de Antonieta de Barros porque esta afro-brasileira já havia estado na vida parlamentar nos anos 1930. É na efervescência daquela década que vamos tê-la, em Florianópolis, como a primeira mulher negra eleita deputada estadual constituinte, no país, em 1935. Note-se que apenas no ano anterior o direito ao voto para as mulheres havia sido outorgado junto com a Constituição. Ainda assim, ela recebeu 35.484 votos. O golpe do Estado Novo, fechando o Congresso Nacional e as Assembléias Legislativas, pôs fim ao sistema democrático provocando o encerramento de seu mandato. A preocupação com o engrandecimento da Pátria foi uma constante na lide política dessa mulher que fez do jornalismo e da educação suas cátedras de conscientização. Em seu livro *Farrapos de Idéias*, que veio a público em 1937 – como uma compilação de artigos publicados no jornal *A República*, aos domingos – a autora defendia o seguinte ponto de vista:

Um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas também, principalmente pela sua cultura. Daí a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização que é muito, mas não é tudo. Daí a necessidade de se tornar acessível aos que não têm o ouro sonante – mas o ouro que não se compra o da inteligência – uma cultura superior. E dessa cultura de massas (...) esperamos que surjam pátrias maiores por uma humanidade melhor (Barros, 2001, p. 23).

O texto de Antonieta de Barros mostra-nos sua luta pela formação do povo, para além da educação básica. Uma cultura que todas as camadas da população pudessem compartilhar de forma igualitária era o seu pleito. Como intelectual, Antonieta pertenceu ao Centro Catarinense de Letras, instituição literária da década de 1920. Como poetisa publicava em jornais locais, sob o pseudônimo de Maria da Ilha.

Dirigiu à publicação *Vida Ilhóia*, entre 1922 e 1927. A professora de Português, de Psicologia e jornalista foi responsável pelo jornal *A Semana*, de Florianópolis, fundado por ela. Paralelamente, também a partir daquele ano, alfabetizou em casa crianças de baixa renda da cidade. Essa atividade teve seu curso interrompido apenas em meados dos anos 1960. Isso significa dizer que durante quatro décadas sua atuação pedagógica influenciou diversas gerações. Incansável na sua argumentação por melhores condições educacionais para as crianças oriundas das camadas menos favorecidas da população, assim se expressava:



É lamentável o divórcio existente entre as crianças pobres e o livro... Todos nós temos o dever e o direito do trabalho, mas temos, também, necessidade de cultura para viver, no sentido pleno da palavra... É preciso, portanto, que, desde a escola (...) a criança contraia o gosto pela leitura, sinta prazer de penetrar, por intermédio do livro, no mundo encantado da arte e saber (...) A iniciativa deve partir dos que dirigem os nossos estabelecimentos primários (*Idem, ibidem*, p. 92).

Embora ela mesma as classificasse como “crônicas ligeiras de rodapé”, seu pensamento registrado introdução do livro em agosto de 1937 permite-nos divisar uma constante preocupação e análise sobre o cotidiano. Antonieta de Barros pertencia ao Partido Social Democrático (PSD). Reeleita em 1948, cumpriu o mandato até 1951, quando abandonou a vida parlamentar, voltando-se exclusivamente à educação infantil.

Pensamentos conclusivos

Num texto em que fala da atuação dos afrodescendentes, em diferentes momentos da história da humanidade, Kelley (2000) informa-nos que a segunda metade dos anos 1940 foi marcada pelos movimentos no sentido da descolonização e revolta na África, Ásia e América Latina. Desde o V Congresso Panafricanista na Inglaterra, poderia-se dizer, lembra o autor, que havia uma revolta perpassando diferentes regiões da chamada diáspora negra. Assim, nos anos que se seguiram ao fim da II Guerra Mundial, havia uma insurgência que conduzia os africanos e seus descendentes, no interior das fronteiras de diferentes Estados nacionais, a se rebelarem contra o racismo, com ações diversas nas muitas esquinas do mundo.

O fim da guerra deixara como saldo para a sociedade global a constatação de que o racismo e suas práticas – longe do que se acreditava – não haviam sido desterrados com a formulação das novas teorias culturalistas, capitaneadas por Franz Boas, na virada do século. O fantasma do racismo e da discriminação racial rondava o mundo. Faz-se necessário, portanto, situar que aqueles eram anos de conflitos raciais nos EUA. Ao mesmo tempo, os países africanos davam os primeiros passos rumo à independência. Assim sendo, grandes eventos nacionais e internacionais marcaram a segunda metade dos anos 1940 e foram influenciadores diretos da constituição do movimento social dos negros brasileiros.

Diferentes marcos podem ser observados quando se pretende abordar a organização social de mulheres e homens negros no Brasil. Nesse sentido, o objetivo deste texto foi fazer um breve panorama das múltiplas características de algumas das organizações negras datadas da segunda metade dos anos 1940. Procuramos fazer este passeio sempre a partir da perspectiva de algumas mulheres que o protagonizaram. Sabemos que muitos outros nomes poderiam ser incluídos nesta contextualização. Deixamos de fazê-lo por exigüidade de espaço e por reconhecer que maiores pesquisas com este fim ainda estão por ser realizadas.

Inúmeros poderiam ser os elos a serem utilizados aqui para unir as trajetórias individuais dessas líderes femininas. Recortaremos dois. O primeiro deles o de serem afro-brasileiras em posição de liderança num período de tantas demandas pelo retorno da democracia plena para todos os brasileiros e para os afro-brasileiros, em particular. O segundo ponto de convergência encontra-se na atuação de cada uma delas no interior de organizações nas quais a demanda por direitos ultrapassava o grupo específico e se estendia para

todos(as) os(as) brasileiros(as). Uma na educação, outra na arte e a terceira na imprensa, essas três afro-brasileiras faziam reverberar um conceito ainda virgem naqueles tempos. Apontavam que os níveis de incidência das desigualdades se diferenciam quando os fatores raça, gênero, pobreza e faixa etária se conjuminavam.

Referências bibliográficas

- ANDREWS, George Reid. *Blacks and whites in São Paulo, Brasil. 1988-1988*. The University of Wisconsin Press, 1991.
- BARROS, Antonieta de. *Farrapos de Idéias*. 3.ed. Florianópolis: Comissão do Centenário de Antonieta de Barros, 2001.
- CADERNOS BRASILEIROS. *80 anos de Abolição*. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, 1968.
- CALDWELL, Kia Lilly. *Negras in Brasil: re-envisioning black women, citizenships and the politics of identity*. Edição ilustrada. Original de Universidade de Michigan: Editora Rutgers University Press, 2007.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Teatro Brasileiro do século XX*. São Paulo: Scipione, 1995 (Coleção Margens de Texto).
- CUTI (org.). *...E disse o velho militante José Correia Leite*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial do Estado. 2001.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classe*. São Paulo: EDUSP, 1965.
- FERRARA, Mirian Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: PFCLCH/USP, 1986.
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- HANCHARD, Michael George. *Orpheus and Power. The Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brasil 1945-1988*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- KELLEY, Robin D. G. A Poetic of Anticolonialism. In: *Discourse on Colonialism by Aimé Césaire*. New York: Montly Review Press, 2000.
- MENDES, Miriam Garcia. *O negro e o Teatro Brasileiro (entre 1889 e 1982)*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O Negro Revoltado*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2.ed. 1982.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O Sortilégio da cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- O QUILOMBO. Vida, Problemas e Aspirações do Negro*. Edição fac-similar. Dirigida por Abdias do Nascimento. Apresentação Eliza Larkin e Abdias do Nascimento; Introdução: Antonio Sérgio Guimarães. São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa; Editora 34, 2003.
- PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PRADO, Décio de Almeida: A evolução da literatura dramática In: COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana S.A, 1941.
- SANTOS, Joel Rufino dos. O Movimento Negro e a Crise Brasileira. *Revista de Política e Administração*, v. 2, n. 2, Rio de Janeiro, julho-setembro de 1985.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: De Getúlio a Castelo (1930-1964)*. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- WINNANT, Howard. *Racial Conditions: politic, theory, comparisions*. University of Minessota Press. MN, 1994.